

DA SOLIDÃO DO ARMÁRIO À SOLIDARIEDADE: TECENDO FIOS DE UMA EDUCAÇÃO SEXUAL TRANSGRESSORA E PROBLEMATIZADORA

Thiago Aparecido Miranda¹
Fabiana Rodrigues de Sousa²

RESUMO

Este artigo apresenta considerações iniciais de pesquisa de doutorado em Educação, cujo objetivo consiste em compreender o fenômeno da solidão decorrente da LGBTfobia e da estratificação sexual nas experiências vivenciadas no âmbito da escola. Para além de denunciar práticas de normatização, violência e silenciamento, interessa-nos anunciar possibilidades de solidariedade e de resistências entre sujeitos sexuais dissidentes, em seus processos de escolarização e docência. Lançando mão dos aportes teóricos da Educação Popular e dos Estudos de Gênero e Diversidade Sexual na Educação, desvelamos e analisamos algumas ideais-força do legado de Paulo Freire, tais como educação problematizadora, solidão-comunhão, proibidos de ser, inéditos-viáveis, solidariedade, sonhos possíveis e pronúncia coletiva da realidade, com intuito de fomentar práticas de educação sexual transgressora capazes de superar a visão fatalista da realidade e de desnaturalizar as diferenças. Como procedimentos metodológicos serão realizadas entrevistas e rodas de conversa com docentes e egressos/as da Educação Básica a fim de compreender suas experiências de solidão/solidariedade. Consideramos a relevância política e emancipadora de fazer frente à “pedagogia do armário” e aos discursos conservadores, entendidos como práticas de educação bancária para naturalizar a heterocisnormatividade e hierarquizar as diferenças com intenção de negar a existência e os direitos de sujeitos sexuais dissidentes.³

Palavras-chave: Educação sexual transgressora, Solidão, Pedagogia do armário, Legado freireano, Sujeitos sexuais dissidentes.

1 Mestre em Educação e Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade São Francisco - USF, thiagokolbe.educacao@gmail.com;

2 Doutora em Educação e Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade São Francisco - USF, fabiana.sante@usf.edu.br;

3 Apoio financeiro: Trabalho derivado de pesquisa de doutorado financiada com bolsa PROSUC/CAPES

INTRODUÇÃO

Este artigo apoia-se em discussões suscitadas no movimento de construção da tese de doutorado realizada junto ao programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade São Francisco – Itatiba – SP e consiste em compreender o fenômeno da solidão decorrente da LGBTfobia e da estratificação sexual nas experiências vivenciadas no âmbito da escola.

No curso de Mestrado em Educação, nos debruçamos sobre a temática da solidão atrelada a figura dos/as/es docentes. Nesta etapa, compreendemos que a solidão concerne de um fenômeno polissêmico com várias admissões e interpretações, e que, atualmente, há pesquisas, na Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA), e em todo mundo, que investigam possibilidades de psicopatologização da solidão (MIRANDA, 2019).

O professor Daniel W. Russel em 1970 apresenta uma escala para medir o nível dos sentimentos subjetivos de solidão dos sujeitos, conhecida como “Escala de Solidão da UCLA” (UCLA Loneliness Scale), publicada em 1978 pela primeira vez. No Brasil, essa escala vem sendo investigada pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro, e busca evidências de validade para aplicação na população brasileira (BARROSO, 2016).

O historiador George Minois (2019) apresenta uma análise profunda e complexa sobre o tema da solidão, ele nos oferece *insights* valiosos sobre a evolução da percepção e experiência da solidão, tendo em vista que, para o autor, a solidão aparece como fenômeno inerente ao humano, e que pode ser analisada em seus diversos contextos e tempos históricos como: lugar de encontro com si; liberdade; deserto; aos crentes, intimidade com o Sagrado; aos perversos e doentes, lugar de exílio; e prisão aos rebeldes e violentos. Na contemporaneidade, torna-se sentimento a ser evitado, doença com propensão a CID e Ministério político em países desenvolvidos como França, Japão e Reino Unido.

A solidão que anunciamos, neste artigo, surge da estratificação social impulsionadora e geradora de sofrimento. Hannah Arendt (2012), em sua obra “As Origens do Totalitarismo”, propõe discutir elementos políticos que aparecem nas sociedades atuais e que se manifestam como resquícios do totalitarismo. Dentre essa discussão, aparece a solidão como uma das piores manifestações de subjetivação humana. Anuncia três possibilidades de solidão: *‘isolation’*, *‘loneliness’* e *‘solitude’*, as quais, ao serem traduzidas para o português, correspondem *‘isolamento’*, *‘solidão’* e *‘estar-só’*.

A escola, enquanto instituição social elementar, desempenha papel crucial na preparação das crianças e adolescentes para a vida em sociedade. É imperativo

que elas sejam expostas o mais cedo possível a uma abordagem plural, de valorização e respeito às diversidades.

Compreendemos que agentes que atuam no espaço escolar e fora dele estão suscetíveis a perceber a solidão como elemento produtor de sofrimento, contudo, ao abordar essa questão com pessoas de sexualidades dissidentes, destacamos a preocupação em vista do preconceito e da LGBTfobia, fatores que tendem a intensificar a experiência de solidão para essa comunidade. Nilson Dinis (2011) retrata algumas dessas questões de violência no ambiente escolar:

Na escola o bullying homofóbico tem resultado na evasão escolar de estudantes que expressam identidades sexuais e de gênero diferentes da norma heterossexual, e mesmo nas tentativas de suicídio de adolescentes em conflito com sua identidade sexual e de gênero, devido aos preconceitos e a discriminação sofrida no espaço escolar. Uma das principais vítimas no processo de evasão escolar também são as adolescentes travestis e as(os) adolescentes transexuais que dificilmente conseguem terminar seus estudos, sendo forçadas(os) a abandonar a escola. (DINIS, 2011, p.42-43)

Devido à ausência de um ambiente inclusivo na escola, estudantes são frequentemente excluídos/as/es pela heterocisnormatividade. Ao se encontrarem isolados/as/es, enfrentam o ônus da segregação social, resultando em sentimentos de solidão e desconforto. Propomos tecer uma abordagem mais próxima desses/as/us jovens estudantes e docentes, desvelando suas narrativas e o contexto educacional que lhes envolve.

Problematizar o fenômeno da solidão, na educação brasileira, trata-se de tema fundamental, visto que, cotidianamente, somos confrontados/as/es com notícias nas mídias de situações de violência contra a comunidade LGBTQIAPN+. Partimos do entendimento que a escola se configura como espaço social privilegiado para problematizar a pluralidade, formas de ser e estar no mundo, no sentido de garantir uma educação democrática e promover o direito à educação a todas as pessoas.

DISCUSSÃO SOBRE GÊNERO NA ESCOLA: UM CONVITE AO DIÁLOGO E A EMANCIPAÇÃO

Participamos de uma palestra⁴ ministrada pela pesquisadora travesti Sara Wagner York (2023) e, em dado momento, ela cita uma canção infantil, que

4 O referido encontro ocorreu em 27 de junho de 2023, no SENAC Jabaquara – São Paulo promovido pelo Comitê de Diversidade e Inclusão.

facilmente pode ser encontrada em sites de busca pela internet. A canção foi utilizada, em algumas escolas, no processo de desfraldamento de crianças: ‘chega de fraldinha, chega de fraldinha, menino usa cueca e menina usa calcinha’ (autoría desconhecida). Essa canção, no contexto da discussão de gênero, nos chama atenção pela presença precoce da heterocisnormatividade, evidenciando a sua natureza estrutural. Cerne que reside na profundidade com que essa dinâmica está enraizada, tanto no processo de socialização familiar quanto no ambiente escolar.

À medida que essas crianças amadurecem para a adolescência e enfrentam os desafios de se integrarem socialmente na família e na escola, muitas vezes, vivenciam o que é popularmente conhecido como estar “dentro do armário”. Eve Sedgwick (2007), escreve justamente sobre “A epistemologia do armário”. Essa metáfora, não se trata de uma especificidade da comunidade LGBTQIAPN+, uma vez que o termo está associado a uma espécie de publicização de singularidades ao mundo, contudo, esse armário, constructo social, assola todas as pessoas, sobretudo aquelas que são invisibilizadas, colocando-as num lugar de silenciamento e opressão.

O armário gay não é uma característica apenas das vidas de pessoas gays. Mas, para muitas delas, ainda é a característica fundamental da vida social, e há poucas pessoas gays, por mais corajosas e sinceras que sejam de hábito, por mais afortunadas pelo apoio de suas comunidades imediatas, em cujas vidas o armário não seja ainda uma presença formadora. (SEDGWICK, p.22, 2007)

O armário é, por vezes, lugar de constante movimento e proteção. Sair do armário interinamente, trata-se de uma experiência complexa, pois, mesmo quando alguém já não se identifica mais com esse ambiente, pode encontrar-se nele.

Fabiana Sousa e Denise Duarte (2021) apresentam resultados de pesquisa dialógica com mulheres lésbicas, bissexuais e pansexuais. O objetivo foi analisar as potenciais contribuições da escola em assumir a função social de problematizar gênero e sexualidades, frente ao retrocesso no campo educativo brasileiro. Neste contexto, em meio aos enunciados teóricos, somos instigados a nos sintonizar com as vozes da comunidade LGBTQIAPN+, as quais emergem através de narrativas coletadas em rodas de conversa, inspiradas pelo pensamento de Paulo Freire (1921-1997). Entre essas vozes, destacamos:

Minha experiência escolar é a de que nas aulas eu nem precisava levar o corpo todo, só a cabeça e as mãos para escrever seria o ideal. Nos momentos de intervalo, aí o corpo era alvo de comparações

com outros corpos mais desejados, dentro do padrão de beleza e de moda... melhor era levar só a cabeça mesmo, se desse. Vou começar do final. A escola silencia essas questões sim. Não sei por que silencia. Se por não saber tratar, se por medo das famílias reclamarem, se por preconceito dos próprios professores, não sei. (SOUSA; DUARTE, 2021, p.36)

Esse referencial foi crucial em nosso processo de buscar epistemologias e metodologias para o desenvolvimento da tese. Encontramos no método utilizado, um caminho possível para ouvir as vozes de estudantes e professores e desenvolver uma problematização concernente em torno da solidão no processo de escolarização, em especial da comunidade LGBTQIAPN+. Na fala de uma das mulheres, percebemos uma manifestação da solidão, interpretada pelas autoras como “processo de silenciamento e disciplinarização dos corpos” (SOUSA; DUARTE, 2021, p.36).

João Góis e Thiago Soliva (2011) pesquisam diferentes formas de violência cometidas contra jovens *gays*. Após escuta de alguns, do sexo masculino, por meio de entrevista, os autores comentam que a escola é um espaço de conflito, nela ocorrem distintas formas de violência envolvendo jovens *gays* e as pessoas agressoras. Em função da orientação sexual, real ou percebida, os jovens entrevistados passaram por experiências de constrangimento que terminaram por desencadear, em alguns deles, em sérios problemas psicossomáticos.

Na escola, a adesão ao modelo que separa e hierarquiza masculino e feminino, heterossexual e homossexual, é reforçada a todo tempo através de práticas disciplinares que intervêm no corpo e no comportamento de diferentes indivíduos. Nesse sentido, a escola se apresenta como grande agenciadora de práticas que objetivam reduzir o campo da sexualidade ao binômio macho/fêmea. (GOIS; SOLIVA, 2011, p.38).

Percebemos o grau de influência da escola na perpetuação de modelos que segregam e hierarquizam diferentes identidades, tanto de gênero, quanto de orientação sexual. A referência ao binômio aponta para a simplificação excessiva excluindo e marginalizando outras identidades. Quanto mais próximo ao gênero feminino e mais sensibilidade esses jovens mostravam, maior era a probabilidade de sofrerem violências e os impactos, por algumas vezes velado, dessa segregação causadora de exclusão social e solidão. “As situações de violência homofóbica na escola contra os jovens entrevistados foram geralmente desencadeadas pela identificação de características femininas em seus comportamentos”. (GOIS, SOLIVA, 2011, p.45).

A escola, ao reforçar essas práticas heterocisnormativas, contribui para a limitação do entendimento sobre a sexualidade, o que pode resultar em um ambiente pouco acolhedor para aqueles/as/us que não se encaixam nesses moldes ditos tradicionais.

Em nosso percurso, propomos um diálogo possível com o pensamento de Paulo Freire e com a Educação Popular. Embora o autor não tenha escrito sobre os Estudos de Gênero; nos apoiaremos em alguns ideais-força de seu legado, tais como educação problematizadora, solidão-comunhão, proibidos de ser, inéditos-viáveis, solidariedade, sonhos possíveis e pronúncia coletiva da realidade, com intuito de fomentar práticas de educação sexual transgressora (Sousa, 2021) capazes de superar a visão fatalista da realidade e de desnaturalizar as diferenças.

Em sua obra seminal “Pedagogia do Oprimido” (1967-68), Freire (2022) dedica suas reflexões aos esfarrapados do mundo, estabelecendo-se como figura emblemática na educação brasileira e global. Suas ideias levaram-no ao exílio durante o período da ditadura militar. Por meio da alfabetização de jovens e adultos, o autor fez ressoar as vozes de pessoas oprimidas, trabalhando com elas para que pudessem pronunciar suas próprias palavras.

Freire tornou-se patrono da educação brasileira e referência em ideias como autonomia, emancipação e educação dialógica como prática de liberdade. Suas palavras até hoje ressoam em disparidades entre opressores e oprimidos. Em nosso país, sobretudo, no des-governo de Jair Bolsonaro (2019-2022), tornou-se alvo de críticas, perseguições e insultos, este cenário reflete uma tentativa arbitrária de silenciar a comunidade escolar, ressaltando a polarização em torno das ideias e legado freireano.

Uma concepção significativa do pensamento freireano é a denúncia da negação do diálogo no ambiente escolar nomeada como educação bancária, fruto de um pensamento tradicional em que o professor é aquele quem fala, quem ensina/educa, e o aluno é aquele que escuta o que o mestre tem a dizer, assim, “o educador é o que diz a palavra; os educandos, os que a escutam docilmente; o educador é o que disciplina; os educandos, os disciplinados” (FREIRE, 2022, p. 82).

Freire enuncia a natureza transformadora da palavra verdadeira, vinculada à práxis. Tal prerrogativa não é exclusiva de alguns, mas direito de todos/as/es. Nesse sentido, Sousa e Duarte (2021) comentam ainda que, nas obras de Freire, encontram-se temas contemporâneos no âmbito das Ciências Sociais, tais como a superação do fatalismo e a análise crítica da realidade, visando à sua transformação.

Em “À sombra desta mangueira”, Freire escolhe um capítulo para desenvolver a ideia de solidão - “Solidão-Comunhão”, do qual emerge a ideia de que

experimentar a solidão enfatiza a necessidade da comunhão. Embora o autor não tenha apresentado, em toda sua obra, uma concepção temática da solidão, nos chama atenção que ela não se instaura em condições de sofrimento, e sim de impulso para pensar o ‘estar com’. “Pelo contrário, recolhendo-me conheço melhor e reconheço minha finitude, minha indigência, que me inscrevem em permanente busca, inviável no isolamento. Preciso do mundo como o mundo precisa de mim”. (FREIRE, 2013, p.28)

O desejo pela comunhão é tamanho, que estar só se torna lugar de autor-reflexão e local impulsionador para pensar o mundo, numa perspectiva ativa em relação com os/as/us outros/as/es, pois a relação do autor com o mundo é pensada na lógica da comunhão, diálogo e ação, precisamos um do outro/a/e.

O isolamento só tem sentido quando, em lugar de negar a comunhão, a confirma como um momento seu. Neste sentido é que o isolamento negativo não é o de quem tímida ou inibidamente se recolhe ou o faz por método, mas o do individualista que, egoistamente, faz girar tudo em torno de si e de seus interesses. É a solidão de quem, não importa que se ache na presença de ou em relação com uma multidão só se vê a si, a sua classe ou grupo, afogando os direitos dos outros na sua gulodice incontida. Gente que quanto mais tem mais quer, não importam os meios usados ou de que se serve para ter mais. Gente insensível, que junta à insensibilidade arrogância e malvadez. Gente que chama as classes populares e os pobres, se está de bom humor, “essa gente” e, se, de mau humor, “gentalha”. (FREIRE, 2013, p.28)

Propondo relações com os estudos já realizados da polissemia do termo solidão, consideramos que Freire propõe: “solidão e isolamento” como sinônimos. O que ele adjetiva, neste capítulo, são categorias (positiva e negativa) de ‘isolamento/solidão negativa’ no sentido de ser um movimento egóico. Dispõe ainda de um exercício de definir-se como pessoa.

A paixão com que conheço e com que falo ou escrevo não diminuem em nada o compromisso com que denuncio ou anúncio. Eu sou uma inteireza e não uma dicotomia. Não tenho uma parte de mim esque-mática, meticulosa, racionalista, conhecendo os objetos e outra, desarticulada, imprecisa, querendo simplesmente bem ao mundo. Conheço com meu corpo todo, sentimentos, paixão. Razão também. (FREIRE, 2013, p.29)

Em seguida, fomenta a ideia de um “saber social”, tendo em vista que a pessoa como ser histórico que está sempre em movimento em busca pelo conhecimento, e esse movimento é condicionado pela sua história. Nesse sentido, a

solidão positiva, seria aquela que impulsiona ao que chama de ‘eu-mundo-eu’ e que me leva a pensar o ‘eu-no-mundo’ e o ‘mundo-no-eu’.

A solidão, nessa perspectiva, teria a função de impulsionar o sujeito consciente-progressista a comunhão com toda humanidade. Essa ideia de solidão-comunhão torna-se um fenômeno impulsionador de uma solidão necessária para me levar ao outro/a em dialogicidade com o mundo.

METODOLOGIA

A pesquisa tem um enfoque qualitativo (FLICK, 2009), e seu percurso metodológico contará com duas etapas: entrevistas narrativas e roda de conversas. A pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade São Francisco (CEP), via plataforma Brasil, e teve parecer aprovado.⁵

No tocante às entrevistas narrativas Bolívar (2002), pretendemos no decorrer de construção da tese entrevistar um grupo de professores/as/ies e outro de estudantes egressos/as/es da Educação Básica.

Neste artigo apresentamos o resultado de duas entrevistas já realizadas, com mulheres lésbicas que residem no ABC Paulista. O critério para inclusão dos sujeitos são: possuir idade igual ou superior a 18 anos e se autodeclarar como LGBTQIAPN+. As entrevistas foram realizadas, presencialmente, registradas por aplicativos de gravação de áudio e anotações registradas no diário de campo do pesquisador. O texto integral foi apresentado às participantes para apreciação, aprovação e retificação de partes que desejam retirar e/ou reorganizar na narrativa, etapa denominada como devolutiva aos participantes da entrevista narrativa.

Por compreender que as questões de diversidade sexual e de gênero são suscetíveis de preconceito e LGBTfobia e que dificilmente encontraríamos numa única instituição nosso quórum, optamos pela escolha de amostragem bola de neve, como aponta Vinuto (2014). Destarte, a pesquisa não será realizada junto a nenhuma instituição específica, mas sim por meio de contato direto do pesquisador com os sujeitos participantes da pesquisa.

As narrativas de ambas as participantes, que discutiremos a seguir, estão constituídas na amostragem como ‘sementes’ e, após a entrevista, já informaram ao pesquisador três novas indicações de candidatos/as/es que serão entrevistados/as/es posteriormente. Os nomes civis das entrevistadas, por questões éticas,

5 Parecer consubstanciado número 6.338.038 e CAAE número 74116323.0.0000.5514.

foram omitidos da pesquisa e o que apresentaremos neste artigo, são *nicknames* criados pelas participantes, Márcia e Suzana.

Em seu segundo movimento, a pesquisa contará com três rodas de conversa inspiradas nos círculos de cultura freireanos, com todos os sujeitos anteriormente entrevistados. Para Freire (1999), os círculos de cultura fomentavam, na educação, uma abordagem democrática, que postulava por meio de diálogos, a construção dos saberes de modo crítico e numa perspectiva horizontal. Como a pesquisa está em andamento, as rodas de conversa ainda não aconteceram.

RESULTADO E DISCUSSÃO

Pretendemos a partir de duas entrevistas narrativas (EN), com uma professora e estudante egressa da educação básica, fomentar um primeiro ensaio de tecituras de educação sexual, transgressora e problematizadora. A primeira pergunta que fizemos na entrevista foi que ambas se apresentassem e contassem um pouco de sua história. Suzana, 32 anos, é professora de Língua Portuguesa e Márcia, 21 anos, estudante do curso de bacharelado de Artes Cênicas.

Em seguida, questionamos quanto ao processo de reflexão sobre a sua identidade de gênero, e orientação sexual. Quando você teve um *insight* para pensar sobre isso?

Foi muito cedo e foi na escola também. É muito comum isso acontecer, porque o nosso primeiro lugar fora da família é dentro da escola. Então, é a primeira vez que a gente tem chance de ser a gente mesmo, sem a influência dos pais e tudo mais, e conhecer outras pessoas de forma mais profunda também. (SUZANA, EN, 2023)

Eu era uma criança muito fechada, muito na minha. Eu acho que eu levei um processo para conseguir colocar isso para fora de alguma forma. E as primeiras vezes que tive que lidar com isso na escola foi com meus professores meio que eles perceberam. Eu tentava falar sobre algumas coisas. Eu lembro de um dia que era da visibilidade, tentei falar sobre isso de alguma forma, eu fui podada, porque a gente não podia falar sobre isso. E aí eu fiquei meio 'tipo': Nossa, mas eu não estou falando sobre mim, só estou querendo falar sobre isso. E não era uma questão discutível (MÁRCIA, EN, 2023)

As experiências compartilhadas ilustram o papel da escola nessa complexa reflexão sobre a sexualidade e identidade de gênero. Em ambos os casos, o *insight* ocorreu na escola, o que sabemos que não é absoluto. Contudo, esse espaço torna-se privilegiado, pois justamente torna-se o local do encontro com o plural e com a diversidade.

Entretanto, é importante notar que muitas vezes essas descobertas são confusas, especialmente quando não há acolhimento e compreensão e quando falta informação. Freire (1999) nas rodas de conversa, buscava, a partir das perguntas problematizadoras, ouvir quais os temas que realmente importavam aos estudantes e que gerariam uma educação problematizadora. Márcia relata uma necessidade de falar, de compreender, porém, nesse caso, a escola se opôs a ouvi-la.

Percebemos que algumas questões ‘ditas’ pelo senso comum como polêmicas e que geram debates e oposição, muitas vezes são colocadas para fora do que é considerado “discutível”, sobretudo, quando se trata das chamadas sexualidades dissidentes. Megg Rayara Oliveira (2017) foi a primeira travesti negra a receber o título de doutora no Brasil; ao ler sua tese, percebemos de forma implícita essa denúncia ao campo educacional: “O diabo em forma de gente: (r)existências de *gays* afeminados, viados e bichas pretas na educação”, destacamos: “Penso que a escola funciona como um grande armário e procura manter dentro dele os corpos que tentam escapar, especialmente pretos e os *gays* afeminados, viados e bichas” (OLIVEIRA, 2017, p. 144).

Quando questionamos sobre o que representa essa metáfora do armário para Suzana e Márcia, elas comentam:

O armário é uma coisa muito ruim, eu acho que não tem outro adjetivo assim, um adjetivo simples, que todo mundo que está nele, acho que pensa a mesma coisa. É uma coisa muito ruim, muito violenta, opressora. E ataca em campos que parece que não faz mal, em campos que parece que não são importantes. E só quando você encontra um outro colega LGBTQIAPN+, você consegue ser acolhido dessa forma. (SUZANA, EN, 2023)

O armário é um lugar de esconderijo. Lugar de invisibilidade. E eu acho que para mim o armário é seletivo. A gente escolhe alguns lugares, ou às vezes a gente não escolhe. Precisamos estar invisíveis em alguns lugares para a sobrevivência. Eu acho que é muito esse lugar, por exemplo, não vou conversar com algumas pessoas da minha família, pois eu não tenho saúde para lidar com os possíveis conflitos. (MÁRCIA, EN, 2023)

Ambas, ao expressarem-se sobre o “armário”, destacam a opressão e violência que estão associadas a este lugar. Ele é descrito como um lugar de invisibilidade, esconderijo, onde guarda-se a verdadeira identidade por medo de reações negativas ou conflitos. Quando Márcia propõe que a ideia do armário pode ser seletiva é intrigante, por vezes, essa seletividade é uma questão de sobrevivência, pois

enfrentar o preconceito e a discriminação pode ser emocionalmente e psicologicamente esgotante.

Ao questionar Suzana e Márcia sobre o fenômeno da solidão, obtivemos as seguintes narrativas:

Eu me lembro que eu tinha um amigo chamado F., um amigo da internet. Porque como eu não tinha muitos amigos na rua, de casa, nem na universidade, eu conversava muito com as pessoas da internet. E aí, eu desabafava muito com esse menino, o F.. E aí, um dia ele me disse..., eu estava chorando muito, sozinha em casa. Eu era muito deprimida, quando eu era mais jovem. Antes de me assumir, principalmente. E aí, ele me disse que eu deveria me assumir logo, e quando eu fizesse isso, minha vida ia melhorar um pouco. Ele era mais velho, e tal, e aí, ele sumiu. (SUZANA, EN, 2023)

Eu acho que isso também foi uma questão dentro da escola, isso se refletiu. Tem uma questão também na minha vida, porque eu não conhecia muitas pessoas que eram LGBTQs na minha infância, e na minha adolescência. Então tudo que eu entendi sobre mim, foi comigo na internet, o que é bem perigoso! Eu penso nisso como uma coisa muito perigosa. E tipo, como mencionei, no Ensino Médio eu comecei a ter contato com os amigos da minha sala, que começaram também a entender sexualidade. Então eu tinha mais pessoas para conversar, mais pessoas para dividir esse universo comigo. Mas, nossa principalmente dos 12 aos 14 foi um período muito solitário. Muito. No sentido de... com que professor iria falar sobre isso? Eu tentei falar com a minha mãe, mas não deu certo. (MÁRCIA, EN, 2023)

As experiências compartilhadas ressaltam o impacto significativo da solidão e do isolamento que muitos jovens LGBTQIAPN+ enfrentam enquanto lidam com a descoberta de sua identidade e orientação sexual. Nesses fragmentos, aludimos algo que não tínhamos previsto na pesquisa, que diz respeito ao papel que a internet assume nesse processo de autoconhecimento. Freire (2022) propõe que não podemos cair no fatalismo, e uma reação concreta/possível seriam os “inéditos viáveis”.

No momento em que estes as percebem não mais como uma “fronteira entre o ser e o nada, mas como uma fronteira entre o ser e o mais ser”, se fazem cada vez mais críticos na sua ação, ligada àquela percepção. Percepção em que está implícito o inédito viável como algo definido, a cuja concretização se dirigirá, sua ação. (FREIRE, 2022, p. 130)

Freire, com os inéditos viáveis, incentiva a criação de métodos e práticas educacionais que não apenas desafiem as estruturas opressivas, mas que também sejam praticáveis e eficazes na promoção da conscientização e libertação. A internet, em ambos os casos, ofereceu a Suzana e Márcia, algo que é papel da escola: o acolhimento e informação/formação. Diante a busca de superarem toda essa violência, encontraram, na internet, apoio e solidariedade. Essa situação exemplifica a importância de criar ambientes seguros e acolhedores e inclusivos nas escolas e famílias, onde jovens possam discutir sua sexualidade sem medo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao invés de propor ênfase na “solidão” temos como proposição a partir de Freire (2022) anunciar a solidariedade como uma realidade concreta e possível, um inédito viável na contramão das opressões e violências oriundas do preconceito e LGBTfobia. “Enquanto a violência dos opressores faz dos oprimidos homens proibidos de ser, a resposta destes à violência daqueles se encontra infundida do anseio de busca do direito de ser”. (FREIRE, 2022, p. 59)

As vozes de Suzana e Márcia enfatizam a necessidade de educadores/as/ies, mães, pais e responsáveis criarem ambientes seguros e inclusivos, para que as crianças e adolescentes possam ‘ser’ e para que possam explorar sua identidade, orientação sexual sem medo de estigmatização ou exposições indesejadas. Além disso, destaca a importância de promover uma compreensão mais aberta e respeitosa da diversidade sexual desde cedo, para que as crianças se sintam apoiadas e aceitas em sua jornada de autodescoberta.

No final da entrevista, demos espaço para que ambas, caso quisessem, pudessem falar sobre algo que não fora perguntado e que quisessem comentar:

Então, é nosso papel enquanto docente se atualizar em relação a isso, porque essas crianças sofrem muito, demais em sala de aula. E a gente tem que atuar de forma incisiva. Não só nós que fazemos parte da comunidade, mas todos os professores que escolheram atuar na docência precisam se atualizar em relação a isso para trazer um ambiente saudável para todas as crianças. (SUZANA, EN, 2023)

Eu não faço licenciatura, então provavelmente posso estar falando besteira. Não sei, mas eu acho que tem muito de um despreparo acadêmico, escolar das pessoas que estão nesse ambiente, elas precisam estar mais preparadas para lidar com essas questões, porque tipo, a gente se sente meio desamparado. Tanto de não ter pessoas para conversar com relação a isso, quanto na reação da pessoa que ela terá quando a gente conversa. Então tipo: A gente não conversa. (MÁRCIA, EN, 2023)

As citações exprimem justamente a importância de capacitar a comunidade escolar para lidar com questões relacionadas a sexualidade dos/as/es estudantes, ressaltam a necessidade de um ambiente escolar inclusivo, onde todos/as/es sintam-se aceitos/as/es e respeitados/as/es. Isso requer ação por parte das políticas educacionais, das instituições de ensino e de toda a comunidade escolar para garantir que as necessidades e experiências de estudantes LGBTQIAPN+ sejam reconhecidas e valoradas.

Ao percorrermos esta trajetória, notamos, entre os membros da comunidade LGBTQIAPN+, um anseio por “ser mais”, conforme propõe Freire (2022), e por ocupar todos os recantos do planeta. No entanto, é crucial reconhecer que os espaços historicamente ocupados por nós, estão seguindo as normas dos colonizadores, e, quando encontramos brechas, essas foram forjadas por meio de mortes, violência e resistência da nossa comunidade ancestral. Nossa sociedade clama por solidariedade, união e convivência, mas a sombra do opressor persiste em nos tornar invisíveis, silenciar-nos e, em última instância, ceifar vidas.

REFERÊNCIAS

ARENDDT, H. **Origens do totalitarismo**. Tradução de Roberto Raposo. – 1ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

BARROSO, S. M. et al. Evidências de validade da Escala Brasileira de Solidão UCLA. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, [S. l.], v. 65, n. 1, p. 68–75, jan. 2016.

BOLÍVAR B., A. “¿De nobis ipsis silemus?”: Epistemología de la investigación biográfico-narrativa en educación . **REDIE**. Revista Electrónica de Investigación Educativa, [S. l.], v.4, n.1, 2002.

DINIS, N. F. Homofobia e educação: quando a omissão também é signo de violência. **Educar em Revista**, [S. l.], n. 39, p. 39–50, jan. 2011.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 83 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

FREIRE, P. Solidão-Comunhão. *In*. FREIRE, P. **À sombra desta mangueira**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013. p.27-30.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. 23 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

FLICK, U. Pesquisa qualitativa: por que e como fazê-la. In: FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. São Paulo: Artmed; Bookman, 2009. p. 20-38

GOIS, J. B.; SOLIVA, T. A violência contra gays em ambiente escolar. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 11, n. 123, p. 38-45, 1 ago. 2011

MINOIS, G. **História da solidão e dos solitários** / traduzido por Maria das Graças de Souza. – São Paulo: Editora Unesp, 2019.

MIRANDA, T. A. **A solidão como figura do mal-estar docente**. 2021. 99f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Ibirapuera, São Paulo, 2021.

OLIVEIRA, M. R. G. de. **O diabo em forma de gente: (r) existências de gays afeeminados, viados e bichas pretas na educação**. 2017. 190 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017.

SCOTE, D.; GARCIA, R. V. Trans-formando a universidade: um estudo sobre o acesso e a permanência de pessoas trans no ensino superior. **Perspectiva**, [S. l.], v. 38, n. 2, p. 1-25, 2020. DOI: 10.5007/2175-795X.2020.e65334.

SEDGWICK, E. K. A epistemologia do armário. **Cadernos Pagu**, [S. l.], n. 28, p. 19-54, jan. 2007. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-83332007000100003>

SOUSA, R. F., DUARTE, D. A. Problematizar sexualidades dissidentes na escola? O que dizem mulheres lésbicas, bissexuais e pansexuais. **Humanidades e Inovação**, Palmas, v.8, n.59, p.30-42, set. 2021.

SOUSA, R. F. Resistir para existir: aportes freireanos para uma educação sexual transgressora e emancipadora. **Práxis Educativa**, [S. l.], v. 16, p. 1-18, 2021. DOI: 10.5212/PraxEduc.v.16.16462.013.

VINUTO, J. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, Campinas, SP, v. 22, n. 44, p. 203-220, 2014. DOI: 10.20396/tematicas.v22i44.10977.